

The logo for SescTV, featuring the word "Sesc" in a bold, white, sans-serif font, followed by "tv" in a smaller, white, sans-serif font with a vertical line through the "t". The background is a close-up of a colorful, stylized figure, possibly a carnival character, with large eyes and a red and orange color scheme.

# SescTV

EDIÇÃO N.118 / JANEIRO DE 2017

ESPECIAL PERNAMBUCO  
**PRODUÇÕES REVELAM A  
RIQUEZA DA CULTURA REGIONAL**

ENTREVISTA  
GABRIEL MASCARO E O  
CINEMA PERNAMBUCANO

INSTRUMENTAL SESC BRASIL  
A SIMBIOSE MUSICAL DA  
BANDA PERNAMBUCANA DELTAS



dança contemporânea

# Conceição

com Grupo Experimental

26/1, quinta, às 20h

Assista online: [sesctv.org.br/aovivo](http://sesctv.org.br/aovivo)



/SECTV

## índice

### DESTAQUES

- 4 Pernambuco como forma de expressão
- 6 A música e a pausa necessária para refletir
- 7 As Praias do Capibaribe
- 7 Simbiose musical

### ENTREVISTA

- 8 **BNegão: Objeto sonoro não identificado**

### ARTIGO

- 12 “Um popular que foi além do moderno” por Walter de Sousa Junior

### ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



### capa

Feira Nacional de Negócios do Artesanato

Foto: Luiz Fabiano/  
Prefeitura de Olinda

## editorial

# Diversidade cultural

**Danilo Santos de Miranda**

Diretor Regional do Sesc São Paulo

O Brasil é formado por múltiplas culturas que se dividem geograficamente por seu território, preservando suas características individuais, e que também se relacionam entre si, propondo trocas e fortalecendo a diversidade da cultura nacional. São diferenças que se somam e fomentam o diálogo entre a cultura local e global, entre regionalismo e globalização. Elas revelam não apenas o tradicional, mas o moderno dentro dos contextos regionais, sugerindo novas leituras possíveis diante das tradições.

Para destacar parte da produção cultural pernambucana, o SescTV exhibe produções que valorizam a cultura do Estado nas mais diversas manifestações. O episódio *Castanho Sua Cor*, da série Dança Contemporânea, apresenta o espetáculo do Grupo Grial de Dança, de Recife; *Pouca Água, Muita Tinta*, da série Super Libris, entrevista o escritor pernambucano Raimundo Carrero; e *As Metamorfoses do Sertão*, da série Contraplano, analisa as representações do sertão no cinema brasileiro.

O canal exhibe ainda o show da banda pernambucana Deltas, na série Instrumental Sesc Brasil, além dos shows que marcaram a edição de 2015 do Festival Nublu Jazz, em São Paulo, com participação do grupo australiano Hiatus Kaiyote e do músico norte americano Brian Jackson acompanhado do trio brasileiro Zulumbi. No episódio da série Arquiteturas, a história, a situação atual e a formação das Praias do Capibaribe levantam a discussão sobre o futuro do rio e da cidade de Recife.

A **Revista do SescTV** traz entrevista com o pernambucano Gabriel Mascaro, que fala sobre sua trajetória no cinema. O artigo do pesquisador Walter de Sousa Junior discute as relações entre cultura regional e cultura de massa. Boa leitura! ●

# Pernambuco como forma de expressão

As múltiplas manifestações da cultura pernambucana revelam a riqueza e o potencial criativo de um povo que vive o paradoxo entre o litoral e o sertão



O espetáculo *Castanho sua cor*, do Grupo Grial de Dança, é tema de episódio da série Dança Contemporânea

A produção cultural de um povo é parte integrante de seu patrimônio. Ela abrange várias manifestações que estão relacionadas a práticas cotidianas, seja por meio da música, da dança e da literatura, ou do artesanato, da culinária e do folclore. O Brasil, com seu vasto território, é um campo fértil para o cultivo de hábitos e costumes, em todas suas regiões. Pernambuco, assim como os outros estados do país, possui um grande potencial criativo que se reflete na riqueza e diversidade de suas expressões

culturais. Recebeu influências ameríndias, africanas, portuguesas e holandesas – conforme a colonização e a formação de seu território – e hoje se destaca por uma produção local singular que toma aos poucos todos os cantos do país e ganha reconhecimento também no exterior.

Ritmos genuinamente pernambucanos, como o caboclinho, o frevo, o forró, o maracatu e o xote têm grande impacto tanto na música quanto na dança, dialogam facilmente com outros gêneros musicais

## PRODUÇÕES QUE VALORIZAM O COTIDIANO E A VARIEDADE DA CULTURA PERNAMBUCANA SÃO DESTAQUE NO SESCTV



FOTO: DIVULGAÇÃO

e criam novos e importantes movimentos de expressão cultural como o Mangubeat.

Na literatura, o cordel é um gênero representativo de Pernambuco, com seus pequenos livros de histórias escritas em verso ou prosa. Nos romances, entre as principais obras brasileiras, figuram nomes expressivos como Euclides da Cunha, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, cujas temáticas retratam sobretudo o sertão. “O escritor nordestino quer o confronto com o mundo”, comenta o

jornalista e também escritor Raimundo Carrero. “Se você mora em Paris, em Moscou ou em Recife, é claro que sua percepção de mundo é diferente. Se você mora no sertão é outra percepção. O questionamento pode ser o mesmo, mas o comportamento e a forma de fazer ou de pensar é outro”, completa Carrero em entrevista no episódio *Pouca Água, Muita Tinta*, da série Super Libris.

O cinema é outra representativa forma de expressão que se mantém em ascensão na região, com produções de destaque nacional e internacional. *Baile Perfumado* (1997), de Lírio Ferreira, é considerado um marco da retomada do cinema pernambucano. “É um filme sobre o diálogo entre o sertão e a cidade”, conta a historiadora Mary Del Priori. Junto à pesquisadora Ivana Bentes, ela analisa e debate a cinematografia que aborda o sertão nordestino, a partir do filme de Ferreira e de *Cinema, Aspirina e Urubus* (2005), dirigido por Marcelo Gomes, entre outros, no episódio *As Metamorfoses do Sertão*, da série Contraplano.

Para destacar a produção cultural de Pernambuco, o SescTV exhibe programas que abordam, em diversas temáticas, o cotidiano criativo dos habitantes da região. Além da literatura e do cinema, a dança popular e a contemporânea se apresentam como forte marca dos pernambucanos. O Grupo Grial de Dança - companhia de Recife fundada em 1997 por Maria Paula Costa a convite do escritor Ariano Suassuna - apresenta o espetáculo *Castanho Sua Cor*, em episódio da série Dança Contemporânea.

A beleza do carnaval, as fantasias, os adereços e a criatividade que enfeitam as ruas pernambucanas durante os desfiles são retratados no documentário *A Linha e O Passo*. A produção mostra o trabalho de intervenção gráfica realizado pela artista plástica e cenógrafa Joana Lira nas ruas de Recife durante o carnaval, modificando a paisagem da cidade. ●



**DANÇA CONTEMPORÂNEA: CASTANHO SUA COR, DIA 23, 15H**

Direção: Antonio Carlos Rebesco  
Classificação: Livre

**SUPER LIBRIS: POUCA ÁGUA, MUITA TINTA, DIA 23, 16H**

Direção: José Roberto Torero  
Classificação: Livre

**CONTRAPLANO: AS METAMORFOSES NO SERTÃO, DIA 25, 20H**

Direção: Luiz R. Cabral  
Classificação: 10 anos

**DOCUMENTÁRIO: A LINHA E O PASSO, DIA 28, 23H**

Direção: Talita Miranda  
Classificação: Livre



Assista ao teaser dos programas:





FOTO: DIVULGAÇÃO

## A música e a pausa necessária para refletir

Quarteto australiano Hiatus Kaiyote funde sonoridades do jazz, do funk e do hip hop, ao apontar para o futuro da soul music

┌  
O nome da banda é formado por duas palavras: Hiatus Kaiyote. A primeira sugere pausa. A segunda é inventada e representa criatividade. “Você para e assimila”, explica Nai Palm, vocalista e guitarrista do grupo australiano. “É o mesmo com nossa música. A oferta é por nossa conta, mas a maneira que você recebe só depende de você”, completa. O quarteto, formado em 2011, em Melbourne, conta ainda com o baixista Paul Bender, o baterista Perrin Moss e o tecladista Simon Mavin.

Juntos, exploram vertentes do soul, do jazz e do funk, mas confessam não se encaixar em um estilo determinado. “Esse negócio de gênero faz sentido para certas pessoas, mas não para nós”, comenta Bender.

A banda ganhou notoriedade após um *tweet* na internet do cantor Prince, com um link que levava o público a assistir ao videoclipe de *Nakamarra*, faixa de Tawk Tomahawk, de 2012, primeiro álbum do grupo. Seu segundo CD, *Choose Your Weapon*, de 2015, marcou a entrada dos australianos nos EUA e conquistou a 11ª posição entre os Melhores Álbuns de R&B/Hip-Hop da revista Billboard.

Hiatus Kaiyote se apresentou no Festival Nublu Jazz, em 2015, realizado no Sesc Pompeia. O evento contou também com a participação do instrumentista, cantor e compositor americano Brian Jackson – parceiro de Gil Scott-Heron, nos anos 1970 –, como convidado da banda brasileira Zulumbi, que une batuques afro-brasileiros à cultura hip hop. O SescTV exhibe, este mês, um show com as apresentações inéditas dos grupos. ●



**FESTIVAL NUBLU:  
HIATUS KAIYOTE  
E BRIAN JACKSON  
& ZULUMBI,  
DIA 18, 22H**

**Direção para TV:  
Daniel Pereira.  
Classificação:  
10 anos.**



## Simbiose musical

**DIA 11, 21H.** Instrumental Sesc Brasil. Direção: Max Alvim. Classificação: Livre.

“A música toca a alma independente do lugar de onde se ouve e do ritmo que se produz”, defende o músico pernambucano Dirceu Melo. Nos deltas do rio Mississipi ou nos deltas do rio Capibaribe, os ritmos emergem do ambiente e levam suas tradições a lugares imensuráveis. Melo iniciou sua carreira nos efervescentes anos 1990, em meio ao movimento Manguebeat, como cantor e guitarrista da banda *Jorge Cabeleira e O Dia que Seremos Todos Inúteis*. Após uma viagem a Chicago, nos Estados Unidos, em 2012, onde visitou os deltas do Mississipi com seu primo, o também guitarrista Walter Manyone, Melo criou a banda Deltas, juntando à dupla o baterista Crica Bivar, o baixista Thiago Fournier e o percussionista Carlos Amarelo. O quinteto funde ritmos de herança africana, como blues e baião. Para Melo, ambos os gêneros nasceram de um elemento humano muito sofrido, a escravidão. No Nordeste, o baião ainda encontrou a seca como tema. Essa raiz cultural negra faz com que as composições dos Deltas sejam consideradas originalmente brasileiras e ao mesmo tempo universais. ●



## As Praias do Capibaribe

**DIA 21, 21H.** Arquiteturas. Direção: Paulo Markun e Sergio Roizenblit. Classificação: Livre.

O Capibaribe é um rio de contrastes. O curso d’água de 240 km que banha o Estado de Pernambuco foi um dos responsáveis pelo surgimento de Recife. Hoje, recebe esgoto urbano e lixo em suas águas. Seus 15 km mais poluídos cortam a capital e revelam ainda a divisão social: de um lado, condomínios de alto padrão, de outro, casebres e favelas. O descaso com o rio levou o suíço Julien Ineichen, radicado na cidade, a criar, em 2008, um projeto de conscientização ambiental, a partir de vídeos com histórias locais. Eventos passaram a ser realizados às margens do rio, com música e exhibições de filmes, até que, em 2011, surgiram as Praias do Capibaribe, que abrigam ações culturais e até piscinas artificiais. “Elas funcionam para estimular as pessoas a se encontrarem”, comenta o arquiteto e urbanista Andre Moraes, que se une a outros para efetivar, junto à prefeitura, a criação do Parque Capibaribe, cujo propósito é transformar o olhar dos habitantes, pensando o rio como um eixo estruturador urbano. “A ideia é transformar Recife em uma grande cidade-parque”, completa. ●

**GABRIEL MASCARO. ARTISTA VISUAL E DIRETOR DE CINEMA.**

A trajetória de um dos mais jovens e produtivos cineastas pernambucanos da atualidade e suas experiências políticas e estéticas nas artes

## O jogo de observação e deslocamento

┌  
Gabriel Mascaro não vem de uma família de tradição artística. Sua mãe é professora de escola pública e seu pai trabalha na área administrativa de um banco. Aos 13 anos, foi levado por um tio a um show de uma banda pernambucana desconhecida, num festival de música, em Recife. O evento atrasou 5 horas para começar por causa da chuva. Gabriel tremia de frio, com as canelas finas e o tênis molhado, até que às 4h40 da manhã, nos primeiros raios de sol, subiu ao palco do Abril Pro Rock 96 um tal de Chico Science ao lado de Gilberto Gil. Aquele momento ficou marcado em sua memória. Depois desse dia, seus pais se esforçaram para inscrevê-lo em um conservatório: queria ser músico. Levou os estudos de música tão a sério que não deu certo. Precisava do acaso, do imprevisível. Foi estudar Comunicação, arranjou um estágio na produção do filme *Cinema, Aspirinas e Urubus*, dirigido por Marcelo Gomes, e despertou sua vocação para as artes visuais e para o cinema. Em pouco tempo e muito trabalho, construiu um currículo caprichado com instalações artísticas e produções, entre longas e curtas-metragens, ficcionais e documentais, premiadas no Brasil e no exterior, como seu último trabalho *Boi Neon*, que figura na lista dos Melhores Filmes de 2016 do jornal norte-americano *The New York Times*.

**Quando descobriu que queria trabalhar com artes visuais, sobretudo com cinema?**

O cinema é na verdade um bom acidente na minha vida porque me pegou desprevenido. Minha chegada nele é inusitada. Não tive formação cinéfila na juventude, tampouco em quadrinhos ou games. Eu trabalhava no Movimento Popular

de Comunicação com rádios comunitárias no Alto José do Pinho, bairro de Recife, quando consegui uma vaga de estagiário de direção no filme *Cinema, Aspirinas e Urubus*, de Marcelo Gomes. Voltei das filmagens muito conectado com o desejo de estudar e pesquisar no campo do cinema. Mais à frente, em 2004, na minha primeira ida a São Paulo, acidentalmente visitei o Sesc Pompeia e lá estava acontecendo um festival diferente, o *Video-brasil*. Conhecer esse festival naquele momento foi muito especial, pois minha pesquisa em cinema e artes visuais se tornou híbrida e expandida, a partir desse contato.

**Como foi sua formação e como começou a produzir?**

Minha formação em cinema é autodidata e fruto de pequenos grupos de pesquisa não formais nos quais me envolvi. Não havia curso nem de Cinema nem de Artes em Recife na minha época. Na faculdade de Comunicação, me juntei com outro realizador pernambucano, o Marcelo Pedroso, e juntos a gente lia muito sobre documentário. Foi meu grande parceiro de início. Plantamos muita coisa de nossas pesquisas juntos. Além dele, Marcelo Gomes, que me deu a primeira oportunidade para estagiar em seu filme, é hoje um colaborador querido e um amigo que, inclusive, me ajudou no roteiro do meu último filme.

**O que o cinema representa para você?**

Cinema é uma forma de linguagem muito instigante que me mobiliza e permite me conectar com o mundo a partir da partilha do sensível. Me interessa ler e escrever a partir de um suporte





**RAIO-X**  
**GABRIEL MASCARO,**  
**RECIFE (PE)**

**Formação**  
Comunicação

- Alguns trabalhos**
- Boi Neon (2016)
  - Ventos de Agosto (2014)
  - Domésticas (2012)



**“O cinema é na verdade um bom acidente na minha vida porque me pegou desprevenido.”**



**“Num mundo tão confuso de signos que caminham para uma binarização das ideias, é preciso tumultuar ainda mais os significados.”**

**“Me interessa ler e escrever a partir de um suporte que atenta para o não dito, revela a ambiguidade, escapa da cognição e sugere o dissenso.”**

»»

que atenta para o não dito, que revela a ambiguidade, escapa da cognição e sugere o dissenso. Num mundo tão confuso de signos que caminham para uma binarização das ideias, é preciso tumultuar ainda mais os significados.

### **Do documentário à ficção, como se deu a transição entre os gêneros em seus trabalhos?**

Foi muito natural perceber essas fronteiras se diluindo. Em *Doméstica*, um filme que sequer filmei, já que dei uma câmera para que os jovens filmassem suas respectivas empregadas domésticas por uma semana e me entregassem o material bruto para eu fazer um documentário, termino por me deparar com um potente ensaio sobre a negociação política da imagem e a performance inventiva da representação. Então foi muito natural fazer a convergência desses campos, ficção e documentário, que parecem opostos, mas não são.

### **Como escolhe os temas de seus trabalhos?**

Difícil racionalizar sobre o processo de escolha dos temas, uma vez que carrego eles comigo no inconsciente. Mas arriscaria dizer que o exercício de observação e deslocamento dessa observação aparente me interessa como processo, como jogo.

### **Artistas pernambucanos sempre se destacaram no cenário nacional e há quem defenda a existência de um “cinema pernambucano”, você concorda com essa categorização?**

Acho que vivemos um momento muito especial no Brasil onde as gerações produtivas estão a coexistir, fazendo trabalhos desafiadores e que não se encaixam nessa “gaveta” geracional. E mais, outras regiões do Brasil puderam

se expressar a partir de uma política cultural de descentralização. Talvez este rótulo de um suposto “cinema pernambucano” que foi criado tenha um estatuto de política afirmativa, e por isso é legítimo, mas não me sinto confortável com qualquer rotulação de uma experiência que é inclassificável, orgânica, viva e mutante. Mas no inconsciente não vou negar que dá uma alegria danada ver uma energia pulsante saindo de um devido lugar e estar morando nesse lugar.

### **Há algo em comum na cinematografia desses diretores que justifique esse pensamento de um cinema regionalista?**

Eu consigo ver uma enorme generosidade entre os realizadores e artistas e reconhecer a força que uma política pública regional pode ter num estado. Mas não consigo ver semelhança estética na produção regional recente. Quando penso em Pernambuco é mais pela quantidade de produções instigantes e pela afetividade que tenho pelos artistas e profissionais do que pela demarcação de um movimento estético. Não existe um marco conceitual que justifique um movimento regionalista. O que existe é simplesmente um país que conseguiu se aproximar da democratização da produção e da descentralização dos recursos. Ver outras regiões brasileiras produzindo não é um movimento estético, é simplesmente um direito histórico conquistado, e agora com o desmonte político, uma conquista talvez ameaçada.

### **Qual a importância da representação do cinema brasileiro no exterior?**

É uma pergunta difícil e distante de mim. Quando crio não penso nessas coisas. A relevância de um trabalho no exterior é para além de mim. E não separo o Brasil do exterior.



## GABRIEL MASCARO EM TRÊS MOMENTOS



■ *Boi Neon* (2016)



■ *Ventos de Agosto* (2014)

FOTOS: DESVIA FILMES



■ *Domésticas* (2012)

**Aos 33 anos, você recebeu prêmios importantes e seu último longa-metragem figura na lista dos melhores filmes de 2016. Imaginava tudo isso?**

É com muito empenho e também muita sorte que os trabalhos conseguem se desdobrar e se conectar com as pessoas. Eu adoraria que todos os meus trabalhos fossem mais vistos. Mas não significa que eu precise simplificar uma pesquisa estética para tal feito. Pelo contrário, *Boi Neon* é um filme que foi amadurecido esteticamente há anos, e vem do acúmulo de outras experiências. Talvez seja meu filme mais radical. E quanto mais honesto mais isso transparece para o público. Eu não tenho como suprir essa expectativa do mercado nem dos críticos por um filme “no meio”, que vai reparar a esquizofrenia de ser de “arte” e de “público” ao mesmo tempo. Isso não se calcula. Isso não vai se resolver tão cedo, enquanto não democratizarmos os meios de comunicação no Brasil e garantir a visibilidade necessária que os filmes precisam para avisar ao público que eles existem. Só me resta ser honesto e sincero com o meu trabalho.

**Como é seu processo de trabalho?**

É a parte mais difícil de racionalizar. Mas diria que tenho um cotidiano regular de atividade, que se mistura com tentativas de escrita de projetos novos, finalizações de projetos em curso e zelo pelos projetos que já passaram.

**Existe algum objetivo estético ou político na sua arte?**

Não existe funcionalidade na arte em si. A funcionalidade é o que se faz a partir dela. Por exemplo, *Boi Neon*, para mim, traz a ambiguidade que permeia o sentido político do filme. Os corpos no filme são corpos biolíticos alegorizados entre a escritura do ordinário e o holofote do espetáculo da cultura de consumo. É um corpo estranho que resiste e que sonha. É também um corpo translúcido, que se despe e que às vezes até ilumina na ambiguidade do neon. Tento iluminar este tema de forma que o filme possa revelar novos contornos, novos relevos, novas erupções, mostrando tanto a violência quanto o prazer habitando no mesmo corpo. ●

# Um popular que foi além do moderno

Walter de Sousa Junior é Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) e graduado em Comunicação Social pela Universidade Braz Cubas. Tem experiência em temas sobre gestão da comunicação, educomunicação, hibridismo cultural, cultura popular, cultura de massa, circularidade cultural e música caipira

por **Walter de Sousa Junior** *imagem* **Fabian Oefner**

Uma das questões mais inquietantes que envolve a cultura popular trata da forma como ela se insere na modernidade. Isso porque a expressão popular guardou, por mais de dois séculos, uma aura de purismo por conta de certo paternalismo daqueles que nela viam a herança de um tempo de “inocência” cultural. Certamente essa aura não se sustentou diante da emergência da cultura de massa (ou hegemonia, uma vez que é a grande referência de identidade cultural da massa urbana), que a usa desde sempre como matéria-prima para produzir produtos para os gostos mais amplos. Por outro lado, a cultura popular sempre teve em seu encaixe guardiões ou zeladores que a impediram de se inserir no que é chamado há século e meio de modernidade.

O antropólogo argentino Nestor García Canclini afirma que, se o popular se moderniza, certos grupos vão apontar que a tradição não leva a nada. Já seus guardiões vão dizer que ele perde genuinidade sob o domínio da cultura de massa. Canclini vai mais fundo na questão ao contradizer ambos os grupos. Ele garante que o popular não é monopólio dos setores populares. Isso porque o popular não se concentra nos objetos, mas no comportamento social e, especialmente, nos processos comunicacionais. Para entender essa “subversão” dos conceitos tradicionais de cultura popular e de cultura de massa, vamos a um exemplo.

A cantora pernambucana Karina Buhr começou sua carreira atuando nos anos 1990 como percussionista de grupos de maracatu do Recife, entre eles o Piaba de Ouro, de Mestre Salustiano. Ou seja, um grupo de tradição musical popular, urbano, embora de origem rural, pois seu estilo é o de baque solto. Depois disso, sua percussão a levou à banda de rock Eddie, de Olinda, e depois a participar da criação do grupo musical feminino Comadre Fulozinha, no Recife. O grupo desenvolveu repertório baseado na cultura popular, de onde tirou também o seu nome, que se refere a personagem mitológico da Zona de Mata de Pernambuco. A banda gravou três discos entre 1999 e 2009.



Quando o grupo se apresentava em Recife foi visto pelo diretor teatral José Celso Martinez Correia, que se encantou com as vocalistas. “Ele falou que nós éramos as pastoras que tinham comido o Véio do Pastoril”, afirmou Karina em entrevista. A referência ao folgado popular é espirituosa por inverter os papéis. Nele, geralmente a figura do Velho comanda a disputa entre as pastoras, sempre dançarinas sensuais, com este fazendo piadas e gracejos maliciosos. Convidada a participar da peça *As Bacantes*, de Eurípedes, encenada pelo Teatro Oficina, em São Paulo, Karina seguiu primeiro em temporada junto ao cantor, dançarino e pesquisador de cultura popular Antonio Nóbrega pelo interior do Nordeste. Em 2000, a Comadre Fulozinha emendou uma turnê mundial, e Karina só aceitou a proposta de Zé Celso em 2001, iniciando convivência de oito anos com o Teatro Oficina, atuando n’*As Bacantes* e no ciclo de cinco peças de *Os Sertões*, baseado na obra de Euclides da Cunha.

O nome de Karina Buhr apareceu sozinho pela primeira vez num CD em 2010, *Eu menti pra você*, com 13 composições próprias, escolhido o terceiro melhor do ano pela revista Rolling Stone Brasil. As referências da cultura popular foram substituídas pelas do rock e do

pop internacional. Um ano após o primeiro disco, a cantora lança *Longe de onde*, álbum que radicaliza ainda mais a sonoridade pesada de guitarra, baixo e bateria.

Em entrevista ao programa *Provocações*, de Antônio Abujamra, veiculado pela TV Cultura em 4 de junho de 2013, o entrevistador perguntou o porquê da virada na carreira da cantora, do universo popular para o pop/rock. Ao que ela respondeu: “Não é uma virada, na verdade. É tudo junto”.

Canclini, ao defender que o popular não é monopólio dos setores populares acrescenta: trata-se de uma construção híbrida. Por isso é tudo junto. Karina elaborou uma barulheira sonora que se aproxima do rock, ou do punk, como na faixa título do álbum *Selvática* (2015), dedicada às guerreiras do Daomé (África), porque o maracatu já era barulhento. “O baque solto é mais rápido, mais punk”, afirma Karina. Sem deixar o popular virar produto, a cantora elabora um trabalho autoral com propriedade (e não apropriação) do popular. Assim como vários artistas de sua geração, Karina não se apega ao popular como forma de reafirmação de uma certa “brasilidade”, ela simplesmente incorpora sem intenção, o que é algo também característico da cultura popular. Isso certamente subverte o processo da cultura de massa, que é o de apropriar e homogeneizar ao gosto médio, como tem sido feito com o funk carioca, antes expressão à margem da cultura.

Canclini, ao afirmar que a cultura popular é o produto de agentes populares e hegemônicos, rurais e urbanos, locais, nacionais e transnacionais, atribui a artistas como Karina Buhr, Chico Science, Nação Zumbi, Mundo Livre, Otto, Lenine, entre outros, somente para ficar no campo da música, o papel de encontrar lugar na modernidade e na cultura hegemônica para aquilo que antes era só referencial. Ou seja, para articular a cultura popular como elemento de hibridização. ●



## dia 25, 16h

**ITAMAR ASSUMPÇÃO INÉDITO.** Musical. Direção: Daniel dos Santos. Classificação: 12 anos. Quando faleceu em 2003, o ícone da contracultura paulistana Itamar Assumpção deixou dois álbuns inacabados, *Pretobrás II e III*, que integraram a *Caixa Preta*, lançada pelo Selo Sesc, em 2010. Elza Soares, Zélia Duncan e as filhas de Itamar, Anelis e Serena Assumpção, interpretam as composições inéditas em tributo ao músico.

## dia 20, 23h

### RETROSPECTIVA EDER SANTOS

Documentário.  
Direção: Eder Santos.  
Classificação: Livre.

A videoarte surge no fim de 1960 com o desenvolvimento e barateamento dos recursos técnicos, somados ao questionamento da arte e a convergência de linguagens. No Brasil, Eder Santos ganha destaque na década de 1980, ao explorar de maneira subversiva e independente a nova linguagem. Com uma carreira de reconhecimento internacional, o videoartista apresenta alguns de seus trabalhos emblemáticos e comenta sua trajetória de experimentações.

## dia 8, 19h

### O CARNAVAL DOS ANIMAIS

Direção: Andy Sommer e Gordon.  
Classificação: Livre.

Todos os dias antes de dormir, o menino Rayane ouviu seu pai contar histórias de seu livro preferido, *O Carnaval dos Animais*. Essa é a premissa do curta-metragem adaptado da peça de mesmo nome, composta por Camille Saint-Saëns em 1886. Na história, diferentes animais se preparam para uma festa de carnaval na floresta. A produção mescla personagens reais e animação, e faz uma imersão na música clássica através do imaginário infantil.

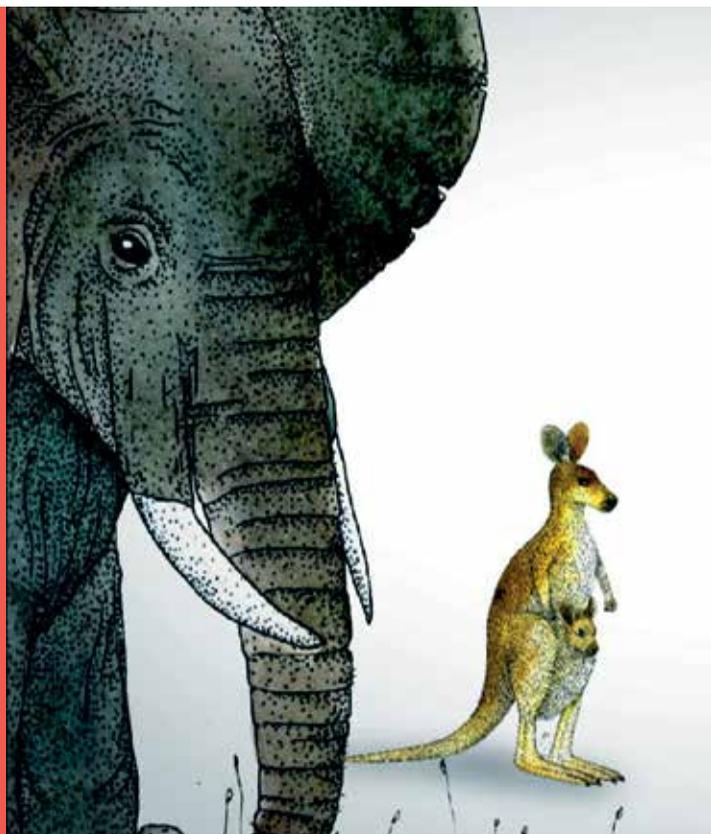


FOTO: ALEX RIBEIRO



dia 27,  
21h

### FIGURAS E VOZES

Dança Contemporânea.  
Direção para TV: Antônio Carlos Rebesco.  
Classificação: Livre.

Surgido durante a Primeira Guerra Mundial, em Zurique, na Suíça, o movimento dadaísta se valia da antirracionalidade para propor outras visões de mundo. No espetáculo do Ballet Stagium, bailarinos se lançam ao desafio de investigar o espírito do Dadaísmo e suas consequências no cotidiano marcado pela agilidade da informação. Com direção de Marika Gidali e Décio Otero, a obra conta com canções de Tetê Espíndola e Yann Tiersen.

dia 17, 21h

### ESPECIAL COLÔMBIA

CurtaDoc. Direção Geral: Kátia Klock. Classificação: 16 anos.

Para o professor Nildo Ouriques, os documentários *La Voz de Los Sobrevivientes* (1980) e *No Hay Dolor Ajeno* (2012) são valiosos para entender a vida na Colômbia. "São muito importantes para combater a ignorância sobre a cultura latino-americana", defende. As obras são exibidas e comentadas por Ouriques e Marta Rodríguez (foto), diretora dos filmes.



FOTO: DIVULGAÇÃO

# Sesc 70 anos

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO  
Administração Regional no Estado de São Paulo

**PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**  
Abram Szajman

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**  
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.

Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

#### COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

#### SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélcio Magalhães

#### REDAÇÃO

João Cotrim

#### EDITORIAÇÃO

Thais Mendes

#### REVISÃO

Marcelo Almada

#### PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essenfelder

#### REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fray e Marilu Vecchio

## Sesc tv

#### DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

#### DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

#### COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Juliano de Souza

#### COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

#### COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

João Cotrim

#### DIVULGAÇÃO

Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

#### ESTAGIÁRIA

Tatiana Maria Soares

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site [sescvtv.org.br/aovivo](http://sescvtv.org.br/aovivo)

Acompanhe o SescTV: [sescvtv.org.br](http://sescvtv.org.br)



/sescvtv



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: [atendimento@sescvtv.sescsp.org.br](mailto:atendimento@sescvtv.sescsp.org.br)

Leia as edições anteriores em: [sescvtv.org.br](http://sescvtv.org.br)

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



musical

# Erykah Badu

em fevereiro



Assista online:

[sesctv.org.br/aovivo](http://sesctv.org.br/aovivo)



/SECTV